



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS (CCBSA)  
DEPARTAMENTO RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**ISABELLA BARBOSA LOIOLA**

**IRÃ: O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES COM OS EUA E A APROXIMAÇÃO  
COM A CHINA**

**JOÃO PESSOA  
2022**

**ISABELLA BARBOSA LOIOLA**

**IRÃ: O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES COM OS EUA E A APROXIMAÇÃO  
COM A CHINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Departamento do Curso Relações  
Internacionais da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de Bacharel em Relações Internacionais

**Orientador:** Prof. Dr. Alexandre César Cunha Leite

**JOÃO PESSOA**  
**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L834i Loiola, Isabella Barbosa.  
Irã [manuscrito] : o rompimento das relações com os EUA e a aproximação com a China / Isabella Barbosa Loiola. - 2022.  
25 p. : il. colorido.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2022.  
"Orientação : Prof. Dr. Alexandre César Cunha Leite ,  
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."  
1. Irã. 2. Estados Unidos. 3. China. 4. Economia Política Internacional. I. Título

21. ed. CDD 327.101

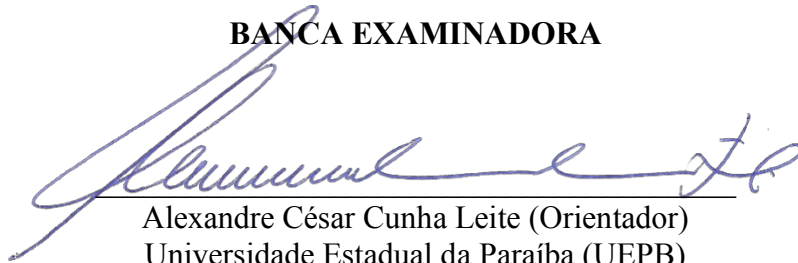
ISABELLA BARBOSA LOIOLA

**IRÃ: O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES COM OS EUA E A APROXIMAÇÃO COM A CHINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em: 21/07/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Alexandre César Cunha Leite (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Cristina Carvalho Pacheco  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Samuel André Spellmann Cavalcanti de Farias  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/Minas)

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço a Deus, por iluminar minha mente nos momentos mais difíceis, dando-me força e coragem para seguir em frente, meu alicerce espiritual ao longo dessa caminhada.

Agradeço aos meus pais, Maria Teresa Barbosa Lima e Francisco Mendes Loiola Junior, por acreditarem em minhas escolhas e por me apoiarem incondicionalmente durante todos esses anos de graduação. A vocês todo o meu amor e gratidão.

Ao meu orientador, Professor Alexandre César Cunha Leite, agradeço pela atenção, por seus ensinamentos, conselhos e disponibilidade. Sou grata a todas as discussões e contribuições na minha pesquisa.

As minhas amigas, Alícia, Ana Maria e Débora, agradeço o apoio de vocês em todos os momentos e mesmo que vocês estivessem longe sempre estiveram presentes, principalmente me aconselhando nas situações difíceis.

Por fim, gostaria de agradecer a toda minha família, avós, tios, tias, primos, a minha madrinha e ao meu padrinho (*in memoriam*) que mesmo estando em Teresina sempre foram minha base. Obrigada por todo amor de vocês.

Dedico este trabalho a meus pais, Maria Teresa e Junior, que me apoiaram e tornaram possível a realização deste trabalho. Sem vocês eu nada seria.

*“O “Oriente” e o “Ocidente” são criados pelo homem. Assim, tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, portanto, sustentam e, em certa medida, refletem uma à outra”- Edward Said (1978).*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Localização geográfica do Irã.....	15
Ilustração 2	Irã, produção anual de Petróleo e outros líquidos.....	18
Ilustração 3	Importação e exportação de petróleo da China entre 1993 e 2007.....	21
Ilustração 4	Comércio de mercadorias dos EUA com o Irã (2002-2021).....	25
Ilustração 5	Comércio de mercadorias do Irã com a China (2001-2019).....	26



## SUMÁRIO

	Introdução.....	12
1	Contexto Histórico: Da Hegemonia Norte Americana a Revolução Iraniana.....	14
2	O Crescimento Econômico Chinês e o Desenvolvimento das Relações Sino-Iranianas.....	19
3	Ondas de Sanções Econômicas ao Irã.....	22
4	Análise do Comércio de Mercadorias dos EUA e China com o Irã.....	24
5	A Iniciativa <i>One Belt, One Road</i> e o Fortalecimento das Relações Sino-Iranianas.....	27
6	Considerações Finais.....	29
	Referências.....	32

## **IRÃ: O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES COM OS EUA E A APROXIMAÇÃO COM A CHINA**

### **IRAN: THE BREAKING OFF OF RELATIONS WITH THE UNITED STATES AND RAPPROCHEMENT WITH CHINA**

Isabella Barbosa Loiola<sup>1\*</sup>

#### **RESUMO**

O Irã é um país localizado no Sudoeste Asiático, entre o Mar Caspio e o Golfo Pérsico, possui uma localização estratégica e uma vasta disponibilidade energética, que desperta interesse de diversos países. Potências globais, como os Estados Unidos (EUA) e China estão inseridos nas dinâmicas de poder. Historicamente, após a Segunda Guerra Mundial, EUA e Irã viveram um período de alinhamento e cooperação, porém a Revolução Iraniana (1979) levou ao rompimento das relações diplomáticas estadunidenses e iranianas. Os eventos modificam as dinâmicas de poder na região, abrindo espaço para a inserção da China. A expansão econômica chinesa aumentou sua demanda energética. Para assegurar as altas taxas de crescimento, o governo chinês buscou estreitar relações com os países do Oriente Médio ao longo das últimas décadas, entre eles o Irã. Desse modo, esse trabalho preocupou-se em compreender os eventos que levam ao fim das relações entre EUA e Irã e subsequentemente o desenvolvimento e fortalecimento das relações sino-iranianas.

**Palavras-chave:** Irã; Estados Unidos (EUA); China; Economia Política Internacional

#### **ABSTRACT**

Iran is a country located in Southwest Asia, between the Caspian Sea and the Persian Gulf, has a strategic location and vast energy availability, which arouses interest from several

---

<sup>1\*</sup> Isabella Barbosa Loiola, graduanda no curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, bolsista CNPQ [isabella.loiola@aluno.uepb.edu.br](mailto:isabella.loiola@aluno.uepb.edu.br).

countries. Global powers such as the United States (US) and China are inserted in the power dynamics. Historically, after World War II, the U.S. and Iran experienced a period of alignment and cooperation, but the Iranian Revolution (1979) led to the severance of U.S.-Iranian diplomatic relations. The events modify the power dynamics in the region, opening space for China's insertion. The Chinese economic expansion has increased the country's energy demand and to ensure high growth rates, the Chinese government over the past decades has sought closer relations with Middle Eastern countries, including Iran. Thus, this paper was concerned with understanding the events that lead to the end of U.S.-Iran relations and subsequently the development and strengthening of Sino-Iranian relations.

**Keywords:** Iran; United States (U.S.); China; International Political Economy.

## INTRODUÇÃO

A República Islâmica do Irã está localizada no sudoeste da Ásia, na região do Oriente Médio, tido como ponto de convergência entre os continentes africano, europeu e asiático (Mackinder, 1904; Kaplan, 2013). Considerando a perspectiva geográfica presente em Mackinder (1904) e Kaplan (2013), pode-se afirmar que a conjuntura de poder nessa região tem influência das grandes nações globais, a saber: os Estados Unidos da América (EUA) e a República Popular da China.

O pós Segunda Guerra Mundial marcou a intensificação da procura por recursos energéticos. Tal corrida tornou o Oriente Médio, e, conseqüentemente, o Irã, espaços geográficos relevantes para as potências globais. Destas, o destaque deve ser atribuído aos EUA por ser o principal demandante global, à época, de petróleo. Essa situação indicava que os EUA eram dependentes das reservas energéticas dos países do Oriente Médio, dentre eles, o Irã. Para garantir a oferta dos recursos energéticos, os EUA realizaram uma série de interferências através de seu poder (político, econômico e militar) no território iraniano, que culminou na Revolução Iraniana e no rompimento das relações entre os EUA e o Irã em 1979 (Shichor, 2018).

Nesse mesmo período, a China iniciava seu processo de abertura para o mercado internacional entre o final da década de 1970 e o início da década de 1990 sob o comando de Deng Xiaoping (Leite, 2011). Também data desse interregno o estabelecimento de relações diplomáticas entre a China e os países do Oriente Médio. A partir da década de 1980, a China passou a registrar um crescimento econômico maior do que média global, aumentando cada vez mais sua demanda por fontes de energia e, já nos anos 1990, passou a ser importador de petróleo (Corrêa, 2015). No que concerne à condução política, as intervenções estadunidenses em questões internas do Irã provocam uma deterioração da hegemonia dos EUA no território. Enquanto, a China busca aumentar o seu protagonismo no território iraniano para manter suas linhas de abastecimento energético (Pautasso & Oliveira, 2008).

A segurança energética chinesa é essencial para que o país consiga suportar as elevadas taxas de crescimento registradas pelo país nas três últimas décadas (Pautasso & Oliveira, 2008). Nesse sentido, os recursos energéticos têm relevância na formulação de sua

política externa e nos investimentos realizados por Pequim em regiões produtoras de petróleo e gás natural (Delgado & Febraro, 2017).

O crescimento econômico da China registrado nas três últimas décadas tem como consequência o aumento da demanda do país por fontes energéticas. Logicamente, o Irã surge como um parceiro comercial chinês, devido a vasta oferta energética (Pautasso & Oliveira, 2008). No que concerne às riquezas naturais energéticas, o Irã possui a terceira maior reserva de petróleo do mundo e a segunda maior de gás natural do mundo, atrás apenas da Rússia em reservas de gás natural. Isso representa cerca de 25% das reservas do Oriente Médio e 12% das mundiais (OPEP, 2021).

Desse modo, o Irã tornou-se um dos principais parceiros no fornecimento de petróleo bruto para a China. Atualmente, o Irã tem a China como principal destino de suas exportações de petróleo bruto, representando 51% do total (EIA, 2021). Contudo, o país demanda investimento na infraestrutura desde a captação até o envio de petróleo para a China. Por conta disso, à medida que o Irã exporta petróleo cru para a China, ela também se torna um investidor do governo iraniano na realização de melhorias na extração do petróleo, transporte e comunicação. (Hong, 2014).

O trabalho busca contribuir no estudo do cenário político e econômico que propiciou o desenvolvimento e fortalecimento das relações econômicas, diplomáticas e políticas entre China e Irã. Como veremos, a República Islâmica do Irã é um país que apresenta significativa relevância regional, seja por sua localização ou por sua grande disponibilidade energética. Assim, é fundamental compreender as dinâmicas de poder e os papéis exercidos pelos EUA e pela China no Oriente-Médio.

O objetivo geral deste trabalho é descrever e analisar os eventos que levaram o Irã a romper relações com os EUA e, posteriormente, estreitar laços econômicos e políticos com a China. A análise deste cenário permite compreender a conjuntura que favoreceu a aproximação de China e Irã e identificar quais os principais setores econômicos envolvidos na cooperação sino-iraniana.

O trabalho de pesquisa fundamenta-se no estudo bibliográfico, documental e exploratório por meio de revisão de literatura narrativa sobre os eventos históricos que marcam a hegemonia e intervenção norte americana no território iraniano, que resultaram na rompimento de relações das duas nações e como esses acontecimentos refletem e favorecem a

parceira a China a firmar relações diplomáticas, comerciais e políticas com o Irã. A metodologia qualitativa será utilizada para analisar e compreender os fatos que culminam na expansão e solidificação da interdependência entre os chineses e os iranianos. Além disso, a coleta e análise de dados dos fluxos comerciais entre China e Irã, tornam-se essenciais para compreender e evidenciar a interdependência entre os dois países, tornando necessário o uso de informações descritivas quantitativas para a comprovação dos argumentos expostos ao longo do texto. Assim, no artigo tem-se o uso de fontes primárias através de documentos oficiais e fontes secundárias especializadas no especializado no tema trabalhado.

O artigo encontra-se estruturado da seguinte maneira: o primeiro tópico descreve os principais fatos históricos que levaram à deterioração e rompimento das relações políticas, diplomáticas e econômicas entre os EUA e o Irã. O segundo descrever os principais eventos acerca do desenvolvimento econômico e a abertura da China para o mercado internacional, levando o país a aumentar sua necessidade por fontes energéticas, assim analisa a conjuntura que favoreceu as relações sino-iranianas e identifica quais os principais setores econômicos envolvidos na cooperação entre os dois países.

O terceiro tópico volta-se para volta-se para as sanções econômicas aplicadas inicialmente aos aos EUA e posteriormente adotadas por países aliados ao Irã, destacando o papel da China em amenizar os danos sofridos na economia do Irã. O quarto tópico trata da relação comercial dos EUA e China com o Irã, especialmente os dados sobre dados de comércio com os respectivos países, na tentativa de indicar um possível processo (em curso) de substituição dos EUA em termos de relevância comercial no que concerne ao petróleo. Por fim, o quinto tópico analisa o papel da iniciativa *One Belt, One Road* no fortalecimento das relações sino-iranianas.

## **1. Contexto Histórico: Da Hegemonia Norte Americana a Revolução Iraniana**

O Irã está localizado no Golfo Pérsico e tem longas fronteiras com o Iraque, Turquia, Afeganistão, Paquistão e repúblicas residuais da ex-União Soviética (Liu & Wu, 2018). O território iraniano tem uma relevância geoestratégica (Mackinder, 1904; Kaplan, 2013) por ligar a Ásia Central com o Sul e o Oeste da Ásia e por ser banhado pelo Estreito de Ormuz, importante rota de escoamento do petróleo para as regiões do globo (Lin, 2017).



envolvimento dos EUA na denominada Operação Ajax, realizada com apoio das agências de inteligência dos EUA e da Grã Bretanha, que resultou na derrubada do primeiro-ministro Mossadeq, colocando o Xá Reza Pahlevi no controle total do país (Spohr, 2013).

A Operação Ajax (1953) marcou o início do período de dependência com o Ocidente (Kinzer, 2004). O Irã teve, à época, os EUA como seu principal aliado, notadamente por conta das suas grandes reservas de petróleo e dada a privilegiada localização do Irã (Spohr, 2013). Nesse contexto, a *The National Iranian Oil Company* (NIOC), nacionalizada pelo governo deposto de Mossadeq, passou a ser chamada de *Anglo-Iranian* e teve seu patrimônio dividido com mais cinco empresas norte-americanas, uma holandesa e uma francesa (Coggiola, 2008; Gasiorowski & Byrne, 2015).

O cenário iraniano era de alinhamento com as potências ocidentais. O Xá Reza Pahlevi pretendia transformar o país em uma grande potência militar. Em 1957, durante o governo de Dwight Eisenhower nos EUA, teve início a cooperação para desenvolver a energia atômica para fins pacíficos no Irã através do programa *Atoms for Peace of Eisenhower* (Átomos de Paz de Eisenhower) (Liu & Wu, 2010).

Em 1960, uma articulação entre os principais produtores de petróleo da época (Venezuela, Irã, Iraque, Kuwait e Arábia Saudita) deu origem a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), com o objetivo de coordenar e unificar as políticas de petróleo entre os países membros, garantindo a disponibilidade do produto no mercado internacional (Motta, 2005). Para os países desenvolvidos, a OPEP foi vista como um cartel agressivo e poderia causar impactos na economia mundial (Lemos & Pacheco, 2017).

No início da década de 1970, os países membros da OPEP se organizaram em um embargo no fornecimento de petróleo para os países ocidentais. A ação foi tomada em resposta ao apoio estadunidense a Israel na Guerra do Yom Kippur, no qual Egito e Síria tentavam retomar a posse dos territórios perdidos na Guerra do Seis Dias (1967), (Marinho, 2010; Hahn, 2007). Na ocasião, reconheceu-se o petróleo como um importante instrumento de poder e o preço do barril de petróleo chegou a quadruplicar em 1974 e o fornecimento internacional entrou em choque, os acontecimentos ficaram conhecidos como Primeiro Choque do Petróleo (1973) (Belluzzo et al., 2004; Lemos & Pacheco, 2017).

Os reflexos do Choque do Petróleo (1973) foram sentidos na economia iraniana que passou a mergulhar em profunda crise. A diminuição na produção de petróleo resultou em



desemprego, inflação e o aumento da desigualdade no país, aumentando a insatisfação da população (Belluzzo et al., 2004). O Xá não estava preocupado com a situação social do país, uma vez que a renda das exportações de petróleo era 3,5 bilhões de dólares antes do choque e em 1974, ultrapassara 18 bilhões de dólares, devido aos altos preços do petróleo no mercado internacional (Coggiola, 2008) .

A crise mostrou também a vulnerabilidade e dependência da economia norte-americana com países de “Terceiro Mundo” produtores de petróleo, uma vez que 30% do petróleo consumido dos EUA era importado e desse total 13% provinha do Golfo Pérsico (EIA, 2022). Tal situação colocou os recursos energéticos no centro da pauta no centro da pauta da política externa e da segurança nacional dos EUA (Lemos & Pacheco, 2017).

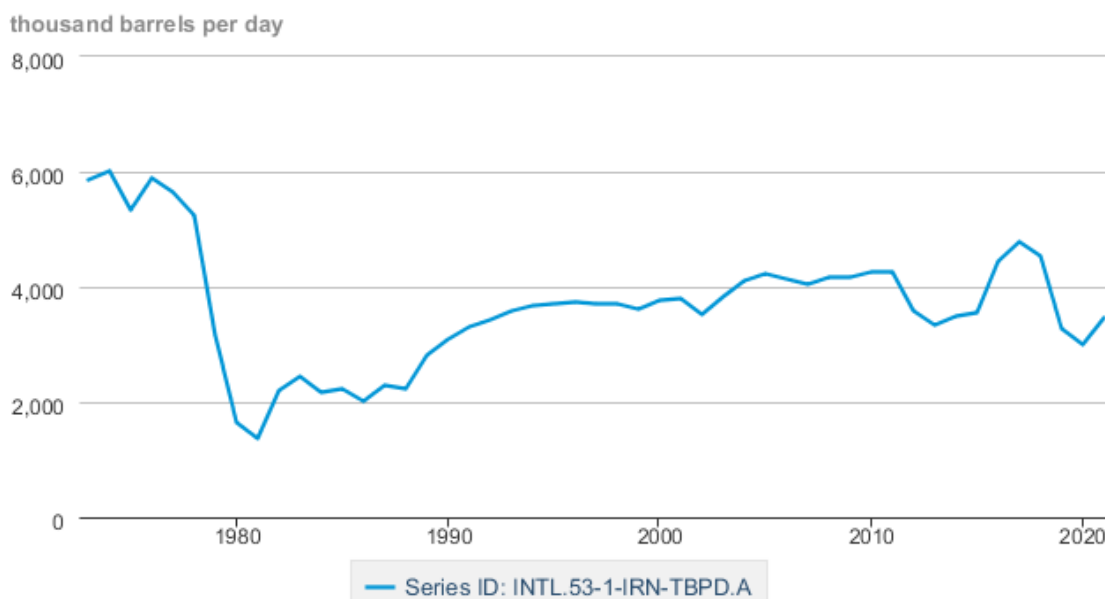
Segundo Coggiola (2008), em seu livro “A Revolução Iraniana”, o cenário iraniano antes da revolução era de um país governado pelo Xá Reza Pahlevi com a política externa alinhada à dos Estados Unidos. Na época, o país era o quarto maior produtor de petróleo e o segundo maior exportador do óleo derivado; e a renda gerada pelo petróleo atingia 30 bilhões de dólares em 1978. Apesar disso, existia uma insatisfação popular por conta da extrema desigualdade. A população de renda alta esbanjava dinheiro em festas enquanto os pobres sofriam com a escassez de moradia e infraestrutura insuficiente das zonas urbanas, ilustrando a elevada desigualdade entre as classes. A situação gerou uma série de greves setoriais que chegaram a paralisar a produção petroleira. À medida que a desigualdade crescia, os protestos aumentavam.

As manifestações chegaram a levar milhões de iranianos às ruas e resultaram na deposição do Xá Pahlevi em 1979. Em decorrência da deposição, o Aiatolá Khomeini assumiu o cargo de chefe religioso e governante do país. Instituiu uma nova constituição de caráter teocrático, mudando profundamente a estrutura social iraniana fazendo com que as relações com os EUA fossem rompidas. Assim, o Irã deixou de exportar petróleo para os EUA e cessou a cooperação na área nuclear (Lemos & Pacheco, 2017). Segundo Coggiola (2008), o fim das relações estadunidenses com os iranianos representou um fator de desequilíbrio no Oriente Médio. No contexto de Guerra Fria (rivalidade EUA e URSS), a perda de domínio dos EUA sobre o território do Irã foi significativa dada sua proximidade com a URSS (os dois territórios são separados apenas pelo Mar Cáspio) (Coggiola, 2008).

A Revolução Iraniana (1979) desestabilizou o mercado internacional com a rápida subida nos preços do petróleo (Belluzzo et al., 2004). As instabilidades internas do Irã

provocadas pela revolução causaram reduções na produção e a suspensão da exportação de petróleo para os EUA, reduzindo a oferta do produto no mercado, esse episódio ficou conhecido como o Segundo Choque do Petróleo (Marinho, 2010).

### Petroleum and other liquids production, Iran, Annual



 Source: U.S. Energy Information Administration

Ilustração 2: Irã, produção anual de Petróleo e outros líquidos. Adaptado *U.S. Energy Information Administration* (2022).

A respeito da produção de petróleo, as empresas petrolíferas iranianas foram retiradas do domínio ocidental, cerca de 50 mil funcionários estrangeiros que trabalhavam no país deixaram o país e o investimento na indústria petrolífera iraniana era de aproximadamente 457 milhões de dólares (Fatemi, 1980). Como ilustrado no gráfico acima, a indústria de petróleo iraniana desde então não conseguiu retomar os níveis de produção pré-revolução, devido à falta de investimento estrangeiro e as sanções internacionais que passaram a ser aplicadas ao país após 1979 (Lemos & Pacheco, 2017).

Vários eventos de importância global ocorreram nos anos 1970. Os choques do petróleo, o fim de *Bretton Woods* e a estagflação, que levaram a formulação de teorias declinistas da hegemonia norte-americana nas relações internacionais são exemplos de significativa importância. Entre o final da década de 1970 e início dos anos 1980, a URSS já encontrava dificuldades em se manter na disputa da Guerra Fria e o mundo estava em direção

a um momento unipolar dos EUA como potência mundial. Por outro lado, estava ocorrendo a ascensão de novas potências no sistema internacional, como é o caso da China que será analisada no próximo tópico (Layne, 2012).

## **2. O Crescimento Econômico Chinês e o Desenvolvimento das Relações Sino-Iranianas**

A República Popular da China (RPC) foi unificada em 1949 sob o comando de Mao Tse Tung, marcando o início da direção do Partido Comunista Chinês (PCC). Nesse período, o país era majoritariamente agrário, instável e com diversos problemas socioeconômicos. A partir de 1952, para promover o desenvolvimento da indústria do país, foi apresentado o I Plano Quinquenal para o Desenvolvimento Econômico Nacional (Corrêa, 2015).

Os primeiros anos da RPC foram de priorização da superação do atraso econômico e social, caracterizados por um isolamento diplomático chinês e a tentativa em formular os primeiros passos da modernização. A partir de 1978, sob o comando de Deng Xiaoping, a China iniciou sua política de reformas e abertura econômica, a realização de grandes obras impulsionando o crescimento da indústria, do mercado interno e a urbanização, derivando em crescimento da renda per capita. A criação das ZEEs (Zonas Econômicas Especiais) nas cidades costeiras do país favoreceu o mercado e o desenvolvimento capitalista (De Sousa & Jardim, 2016). Esse processo de crescimento doméstico e de abertura comercial resultou em uma maior demanda por *commodities*, entre elas agrícolas, minerais e energéticas. Dentre essas *commodities* energéticas, uma das principais era o petróleo (Pautasso, 2009).

O petróleo tornou-se importante para o crescimento econômico e para a estabilidade política chinesa, a produção doméstica sustentou o país durante toda a década de 1970. As principais regiões produtoras do combustível fóssil eram Daqing e as províncias da região de Heilongjiang. No lançamento do VI Plano Quinquenal (1979-1984), o governo chinês planejou quadruplicar o seu PIB entre 1980 e 2000, porém, enquanto a demanda por energia crescia linearmente, a produção doméstica entrava em estagnação, causando interrupções no fornecimento de eletricidade e déficits energético (Corrêa, 2015).

As mudanças promovidas pelo governo de Deng Xiaoping fortaleceram os laços econômicos com os países do Oriente Médio. As relações da RPC com a região remonta desde do período maoísta, porém nesse período as trocas comerciais eram realizadas em

menor escala. A abertura comercial chinesa favorece as relações comerciais com o Oriente Médio principalmente através da venda de armas para o Egito, Arábia Saudita e Irã (De Sousa & Jardim, 2016).

Em 1971, as relações sino-iranianas foram firmadas, mas foi apenas após a Revolução Iraniana (1979) que a relação bilateral entre os países começou a ganhar destaque (Shichor, 2018). A saída dos EUA do território iraniano, abriu oportunidades para a China no Irã. Na década de 80, durante a Guerra Irã-Iraque (1980-1988), Pequim mostrou neutralidade durante o conflito e passou a fornecer equipamentos militares para o Irã. Diante dos intensos conflitos e da presença cada vez mais intensa dos EUA no Oriente Médio (agora seu inimigo), Teerã continuou a desenvolver seu programa nuclear a partir da cooperação chinesa na área formalizada em 1985, quando os iranianos compraram da China três pequenos reatores para pesquisa (Pautasso et al., 2019). No ano de 1989, o Aiatolá Ali Khamenei (1989-atual) fez uma visita oficial à China, a fim de promover o desenvolvimento das relações sino-iranianas e torná-las cada vez mais abrangentes (Hong, 2014).

A China, em 1993, deixou de ser um país exportador de petróleo para tornar-se importador do óleo, causando repercussões econômicas e estratégicas (Corrêa, 2015). O crescimento do parque industrial e abertura da economia chinesa foram os principais fatores que levaram ao crescimento da demanda por essa *commodities*, fazendo com que a China começasse a buscar diversificar seus fornecedores de recursos energéticos. Assim, os países produtores de petróleo no Oriente Médio e Norte da África surgiam como parceiros comerciais destes recursos com a China, e conseqüentemente, o Irã por ter a segunda maior reserva do mundo de petróleo e gás, surge conseqüentemente como um dos parceiros (Hong, 2014).

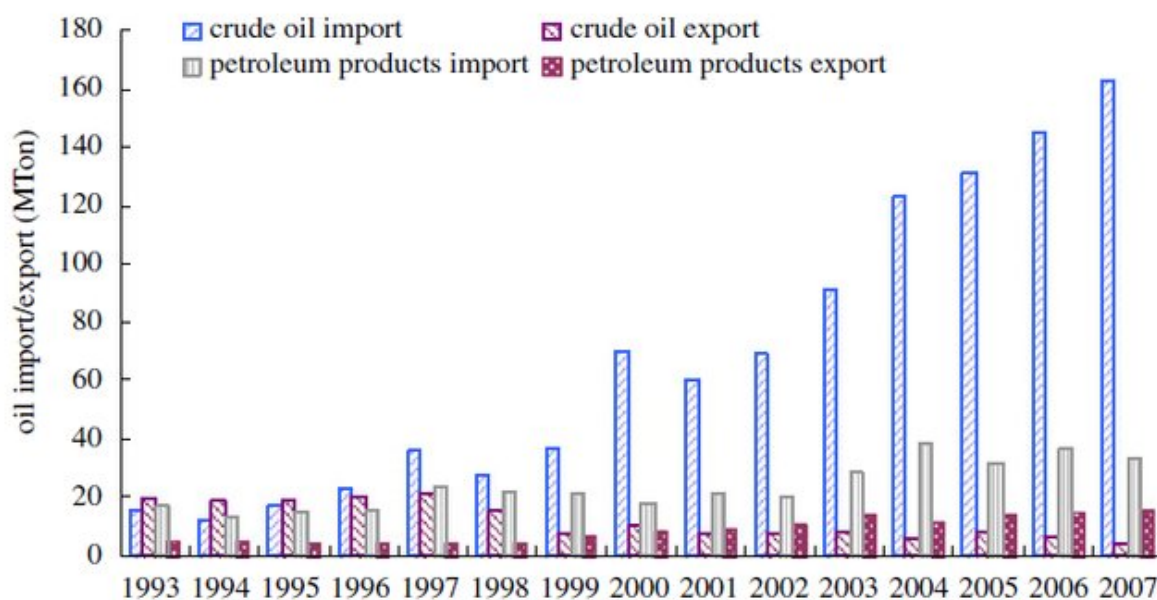


Ilustração 3: Importação e exportação de petróleo da China entre 1993 e 2007. Adaptado de *Journal of Clean Energy Technologies*.

Nos anos 2000, a partir do gráfico acima, nota-se que houve um aumento significativo no consumo energético chinês. A entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, representou um marco no desenvolvimento do comércio da China, impulsionando a inserção das mercadorias chinesas internacionalmente (Leite, 2011; Peres & Daibert, 2015). Internamente, isso teve como consequência a expansão dos parques industriais, o *boom* da construção civil e o aumento na frota de veículos (Corrêa, 2015). Esse cenário levou ao aumento nas importações de petróleo da China, fazendo com que o país busque estreitar seus laços com países do Oriente Médio, incluindo o Irã, país detentor da segunda maior reserva de petróleo do mundo (OPEP, 2021).

As relações sino-iranianas ao longo dos anos, foram se tornando motivo de críticas de países ocidentais, o fato da China ter cultivado boas relações com países e regimes autoritários e “os mais detestados do mundo”, mas Pequim faz vista grossa para essas alegações. O governo estadunidense justifica que a busca da China por segurança energética a levou para esse lado (Hong, 2014).

Tendo em vista, as instabilidades da região do Oriente Médio, constantemente assolado com guerras, regimes autoritários, pobreza e grupos terroristas. A política externa chinesa tem interesse na estabilidade política da região, uma vez que eventuais instabilidades poderiam resultar na interrupção do abastecimento energético para a China (Hong, 2014).

Assim, a diplomacia chinesa almeja tradicionalmente não interferência em assuntos internos tendo como princípio da política externa a “Ascensão Pacífica”. O presidente chinês Hu Jintao (2003-2013) argumentou a adoção dessas políticas por dois motivos: o fato do crescimento da China ser um jogo de soma positiva (*win-win*) onde a inserção no mercado mundial beneficiaria várias nações e o fato da política chinesa não ser expansionista visto que o país teria que lidar com os problemas decorrentes da necessidade de desenvolvimento (De Sousa & Jardim, 2016).

Os princípios adotados pela diplomacia chinesa de não interferência e da ascensão pacífica representam um ponto positivo nas relações com o Irã, visto que o país tem uma complexa e difícil relação com os países ocidentais. O período posterior à revolução de 1979 é marcado pela aplicação de sanções pelos países ocidentais aos iranianos, motivados por questões geopolíticas na tentativa de barrar a projeção do Irã como potência regional (Pautasso et al., 2019).

### **3. Ondas de Sanções Econômicas ao Irã**

As tensões entre EUA e Irã iniciaram-se após a Revolução Iraniana. A partir do incidente com os diplomatas norte-americanos que ficaram presos no país em 1979, a primeira onda de sanções incluiu o congelamento dos ativos dos cidadãos iranianos nos EUA e a interrupção das importações de petróleo (Pautasso et al., 2019).

A segunda onda de sanções foi realizada em 1984, e englobou a aplicação de restrições da assistência norte-americana ao Irã, além do controle maior nas exportações de produtos com uso duplo (pode ser usado tanto para fins pacíficos quanto para fins militares) e a proibição de exportação de equipamentos militares (Laub, 2015; Pautasso et al., 2019). Essas medidas foram tomadas após um ataque às bases dos EUA em Beirute reivindicado pela Jihad Islâmica, grupo que recebe apoio logístico e financeiro do Irã (Jahnke, 2016).

Na década de 1990, o aiatolá Ali Khamenei (1989-atual) retomou e intensificou o desenvolvimento do Programa Nuclear Iraniano (iniciado em 1957 através da cooperação com os EUA), devido a Guerra do Golfo (1990-1991) e a crescente presença estadunidense na região (Halliday, 1994; Liu & Wu, 2010). Nesse cenário, os EUA anunciam a aplicação de novas sanções ao Irã, devido ao seu programa nuclear, proibindo empresas de qualquer nacionalidade a se relacionar com os iranianos na área de petróleo e gás (Pautasso et al., 2019). Vale acrescentar que o Irã é signatário do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), em vigor desde 1970, estabelecendo o uso de energia nuclear apenas para fins pacíficos (Leães, 2015).

O agravamento da situação no início do século XXI com o 11 de setembro de 2001, por conta do suporte iranianos aos grupos terroristas Hezbollah e Hamas, o Irã é incluído no “eixo do mal” dos EUA (Jahnke, 2016; Liu & Wu, 2010). Em 2002 o programa nuclear de Teerã é aberto para o mundo, quando duas unidades de enriquecimento de urânio são descobertas, desde então o programa tem tomado os debates internacionais. Ainda em 2002, tentativa de evitar novas ondas de sanções e instabilidades na economia mundial, Alemanha, França e Grã-Bretanha, formaram o E3, na época eram os principais parceiros comerciais do Irã (OEC, 2022). O grupo de países tentou negociar um acordo com o governo Iraniano garantindo a suspensão do enriquecimento do urânio e reconhecendo seus direitos de uso para pesquisa. A proposta não foi aceita pelo Irã (Martinez & Del Prete, 2015; Pautasso et al., 2019).

A eleição de Mahmoud Ahmadinejad (2005-2013) para presidente em 2005, não agrada as potências ocidentais, uma vez que o enriquecimento de urânio é mantido e as pressões sobre Teerã aumentam. A partir de 2006, a tentativa dos EUA de sufocar a economia iraniana ganhou reforço da ONU que aprovou a resolução 1747, impondo limitações econômicas, políticas e militares, na tentativa de impedir o programa nuclear iraniano (Reis, 2020). A União Europeia (UE) em 2010 também aprova restrições a vários setores do Irã, provando mudanças e implicações na posição do Irã na economia internacional (Alizade & Hakimian, 2013).

Nesse contexto, em 2010, Brasil e Turquia iniciaram uma articulação com o Irã e o Conselho de Segurança da ONU (CSNU), tendo como resultado a Declaração de Teerã (2010) reafirmando os compromissos iranianos com o TNP (Amorim, 2015). Apesar dos esforços, integrantes do CSNU não aceitam as formulações da declaração, os EUA justificam que ela não atendia aos seus objetivos. Com o fracasso da Declaração de Teerã, as sanções e tensões persistem (Leães, 2015).

No final de 2011, o congresso estadunidense aprovou a Lei de Autorização de Defesa Nacional expandindo as sanções para empresas e países que tentassem negociar com o Banco Central do Irã ou realizasse a compra de petróleo (Hassen, 2019). Nesse contexto, Washington tentou pressionar a China a parar de comprar petróleo do Irã. Pequim argumentou que as relações comerciais e a cooperação energética não tem nada haver com as questões nucleares e que continuaria comprando o petróleo iraniano (Hong, 2014).

Após anos de crises e perdas econômicas, em 2015 o Irã concordou em limitar o seu enriquecimento de urânio para atividades nucleares sensíveis. O acordo foi realizado em 2015 com um grupo de potências mundiais denominado de P5+1 ( EUA, Alemanha, Reino Unido, França, Rússia e China), esse acordo ficou conhecido como Plano Conjunto de Ação Abrangente (JCPOA, sigla em inglês). As sanções foram suspensas, possibilitando que o Irã retomasse a venda de petróleo no comércio internacional e teve acesso também a US \$100 bilhões de ativos que estão congelados no exterior (Leães, 2015; Pautasso et al., 2019).

Em 2018, após a eleição de Donald Trump (2017-2021), o presidente eleito dos EUA se retirou do JCPOA por considerá-lo “unilateral” e “desastroso”. Em seguida, Trump anuncia nova onda de sanções econômicas ao Irã, afetando as exportações de petróleo, o setor de transportes, bancos, ou seja, os setores centrais da economia iraniana. Apesar das sanções aplicadas, o Irã consegue resistir e manter sua soberania e alcança novos parceiros comerciais principalmente na Ásia (Reis, 2020).

Para Noam Chomsky (2015), o Irã é visto como um *rogue states*, ou seja, um estado que pode ameaçar a estabilidade do sistema internacional, uma vez que o Irã não segue as regras impostas pelos EUA. Através das sanções, o governo norte americano tenta isolar , impedir a projeção regional do Irã. Observa-se que as sanções impostas ao Irã que foram iniciadas após a Revolução de 1979 pelos EUA de forma unilateral, pretendia restringir o acesso dos iranianos ao comércio internacional. No entanto, o Irã buscou controlá-las por meio de novos atores do sistema internacional.

Tendo em vista, a relação tensa entre EUA e Irã principalmente após o endurecimento das sanções, a China assume o papel de parceiro estratégico na Ásia de Teerã e Pequim ao longo dos anos de sanções procurou ter uma papel de estabilizador para evitar um possível desequilíbrio do Oriente Médio, que poderia afetar o país economicamente devido a sua dependência energética (Pautasso et al., 2019). As sanções aplicadas pelos EUA e União Europeia, não atingem o efeito desejado na economia iraniana, pois o comércio internacional do Irã passa a se concentrar na Ásia em principal com os chineses, o ministro das relações exteriores iraniano Zarif considera a China “uma nação amiga nos tempos difíceis” (Fassihi & Myers, 2021). A redução e instabilidade do comércio entre EUA e Irã, ao mesmo tempo favorece a expansão das relações sino-iranianas será analisada no próximo tópico.

#### **4. Análise do Comércio de Mercadorias de Eua e China com o Irã**



Como visto anteriormente, desde a Revolução Iraniana (1979), o país sofre com as sanções econômicas aplicadas pelos EUA e seus aliados. Em 2002, quando as denúncias do programa nuclear iraniano tiveram destaque no cenário internacional e as sanções econômicas ganharam força, o comércio com os EUA tanto de exportação quanto de importação sofreu uma redução (Pautasso et al., 2019)

### Comércio de mercadorias dos EUA com o Irã ( todos os valores estão em milhões de dólares) .

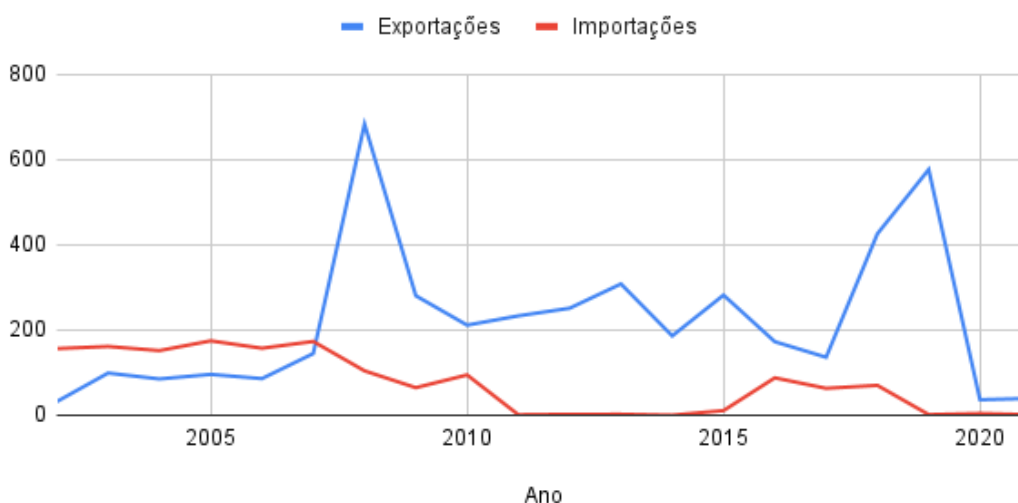


Ilustração 4: Comércio de mercadorias dos EUA com o Irã de 2002 a 2021. Adaptado *U.S. Census Bureau* (2022). Elaboração própria.

No gráfico, observa-se um baixo fluxo de comércio entre EUA e Irã de 2002 a 2006, sendo reflexo das sanções econômicas impostas ao território Iraniano. No período posterior (2007-2008), o comércio internacional deu sinais de retomada, mas foi atingido por novas baixas quando a Organização das Nações Unidas (ONU) e União Europeia (UE) aprovaram novas restrições comerciais no final da primeira década dos anos 2000. Assim, as importações dos EUA para o Irã foram de 683,2 milhões de dólares em 2008 e caíram para 280,4 milhões de dólares em 2009. Após 2015, quando o governo de Obama (2009-2017) assina o JCPOA com Irã, o gráfico registra em um novo aumento no fluxo de importação dos EUA para o Irã, mas em seguida sofre nova baixa no governo de Donald Trump (2017-2021) ao se retirar do JCPOA e anunciar novas sanções (USCB, 2022).

Por meio do gráfico, nota-se que as relações instáveis e conturbadas provocam a deterioração da hegemonia estadunidense no território iraniano. Apesar do rompimento das

relações diplomáticas entre Irã e EUA e da aplicação das sanções econômicas, os países ainda mantêm relações comerciais. O Irã importa dos EUA produtos alimentícios (como soja e sementes), instrumentos médicos, produtos farmacêuticos e vacinas (Harvard University, 2019). Mesmo assim, a economia do Irã segue sendo prejudicada com altos níveis de desemprego e inflação, na tentativa de diminuir os danos sofridos e buscando novas oportunidades e parceiros na economia internacional principalmente na Ásia, destacando Índia, Turquia, Emirados Árabes Unidos e a China (OEC, 2022).

Em relação à China, na década de 1990 o crescimento da economia chinesa leva ao aumento da sua demanda energética. Conseqüentemente, os líderes do governo chinês se preocupam cada vez mais com a segurança energética e buscam aproximação com países do Oriente Médio, região rica em recursos energéticos. A crescente dependência da China por importação de recursos energéticos, coincide com a deterioração das relações entre o Irã e os EUA, devido às aplicações das sanções econômicas (Hong, 2014).

### Comércio de mercadorias do Irã com a China (2001-2019).

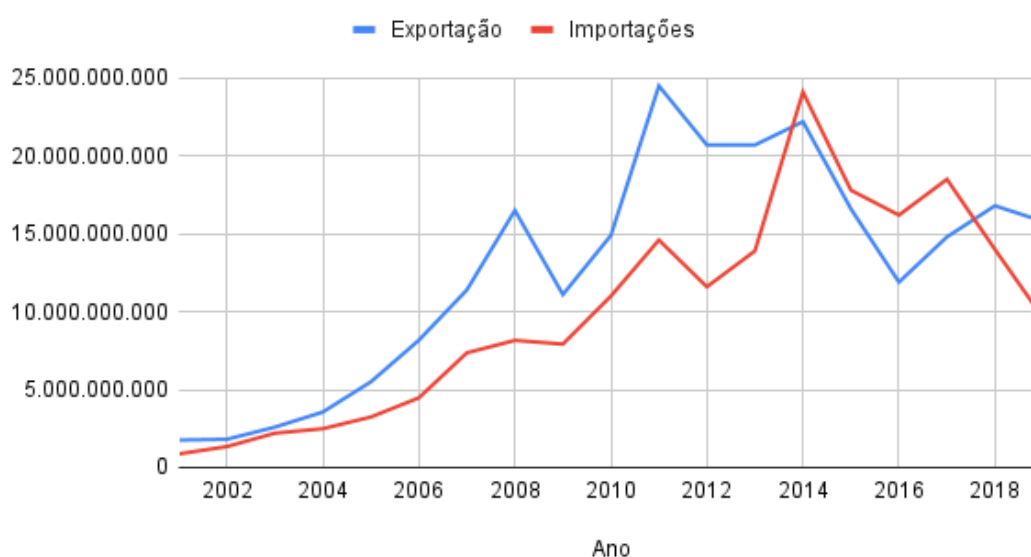


Ilustração 5: Comércio de mercadorias do Irã com a China (2001-2019). Adaptado *Harvard University (2019)*. Elaboração própria.

No início do século XXI, a entrada da China na OMC em 2001 impulsionou o crescimento da economia do país (Peres & Daibert, 2015). Logo, os chineses passam a demandar a importação de mais petróleo e derivados para conseguir sustentar o crescimento econômico. Observando o gráfico acima, em 2001 o total de mercadorias que o Irã exporta

para a China era de 1,76 bilhões de dólares e em 2015 ultrapassou os 16 bilhões de dólares. Sendo que do total exportado em 2015, cerca de 55% correspondia a exportação de petróleo e derivados (Harvard University, 2019).

Em relação a importação de produtos, tendo em vista que a economia iraniana sofre com as sanções aplicadas pelos EUA e tem dificuldades para ter acesso a produtos eletrônicos e manufaturados, o Irã passou a procurar novos fornecedores, uma vez que as sanções proibem que empresas norte-americanas negociem com o Irã. Então, à medida que as empresas ocidentais deixam o mercado iraniano, a China passa a preencher esse vazio deixado (Hong, 2014). Em 2001, o total de mercadorias vindas da China que chegavam ao Irã era de 871 milhões de dólares e em 2015 chegou aos 17,8 bilhões de dólares (Harvard University, 2019). Entre os principais produtos importados estão produtos eletrônicos, têxteis, calçados, automóveis, plásticos e derivados (Pautasso et al., 2019).

Diante dos dados apresentados, observa-se que as relações entre Irã e os EUA são complicadas e constantemente passam por instabilidades desde a Revolução Iraniana (1979) causando prejuízos e dificultando o comércio entre os países. Ao mesmo tempo, o crescimento econômico chinês faz com que o Irã se torne um importante parceiro comercial, diante da disponibilidade de recursos energéticos, principalmente petróleo e derivados (Liu & Wu, 2018). As relações sino-iranianas estão baseadas em interesses econômicos e investimentos no setor de energia e tecnologia. Assim, para aumentar e fortalecer a influência chinesa em ambientes estrangeiros, o país lançou em 2013, a “*One Belt, One Road*” (Hong, 2015; Pautasso et al., 2019).

##### **5. A Iniciativa *One Belt, One Road* e o Fortalecimento das Relações Sino-Iranianas**

A iniciativa “*One Belt, One Road*” (OBOR), anunciada por Xi Jinping em 2013, tinha (e ainda tem) o objetivo de fortalecer a cooperação com várias regiões do globo incluindo Ásia, Europa, norte da África e recentemente América através da diplomacia econômica (Sidaway & Woon, 2017) e do estabelecimento de corredores logísticos ligando a China a várias partes do mundo. A grandiosa iniciativa abrange cerca de 62% da população mundial e pouco mais de 30% do PIB mundial (Lin, 2017; Shichor, 2018).

A OBOR é implementada por Pequim como uma iniciativa “guarda-chuva”, ou seja, que abrange uma série de projetos de infraestrutura terrestres e marítimas, além de diversos acordos bilaterais de comércio (Lin, 2017). Para possibilitar a execução da iniciativa, o

governo chinês sustenta-se em três pilares, o primeiro é a ligação entre os continentes africano, europeu e asiático; o segundo é a coordenação dos projetos aliado ao plano de desenvolvimento de cada país participante; e o terceiro pilar é a criação de uma rede mecanismo que auxiliem no desenvolvimento do projeto, como o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB, sigla em inglês) e o Fundo da Rota Seda (Pautasso & Ungaretti, 2017).

Esse projeto, torna-se peça fundamental para a política externa chinesa, usada com estratégia de soft power da China para gerar influência econômica e política em ambientes estrangeiros de interesse do governo chinês (Pautasso & Ungaretti, 2017; Sidaway & Woon, 2017). Os países do Oriente Médio que são grandes produtores de petróleo recebem uma quantidade significativa de investimentos ligados à OBOR. Levando em consideração que garantir a segurança energética é um dos desafios do governo chinês (Lin, 2017).

Nesse sentido, o Irã é um ponto chave para o sucesso da iniciativa por sua localização geográfica que liga a Ásia Central com o sul e oeste asiático. A região é banhada pelo Estreito de Ormuz por onde o petróleo iraniano é escoado garantindo o fornecimento energético para a China (Lin, 2017; Sidaway & Woon, 2017).

O Irã ainda não conseguiu se recuperar dos efeitos negativos causados pela guerra Irã-Iraque (1980-1988) e pelas sanções impostas pelos EUA e aliados. Essas sanções impedem o país de ter acesso a tecnologia e ao capital estrangeiro necessário para a exploração de petróleo e gás, resultando na falta de infraestrutura de refino, exploração e capacidade de refino de petróleo. As necessidades energéticas da China estão fazendo com que as empresas chinesas realizem investimentos para a reconstrução dos campos de exploração destruídos pela guerra e construção de novos campos de exploração. Assim, à medida que os interesses da China no Irã se intensificam, os chineses deixam de ser meros compradores de petróleo, convertendo-se em um investidor nos projetos de infraestrutura produtiva do governo iraniano (Hong, 2014).

Em 2016, o presidente chinês Xi Jinping fez uma visita ao Irã com o objetivo de estreitar as relações sino-iranianas. Na ocasião, o líder do Partido Comunista Chinês (PCC) demonstrou apoio à admissão do Irã na Organização da Cooperação de Xangai (SCO, sigla em inglês) e forneceu ao Irã 10 bilhões de dólares em linha de crédito para projetos de infraestrutura (Lima et al., 2019). Vale ressaltar que essas ações estão dentro das propostas “guarda-chuva” da OBOR (Lin, 2017).

Em março de 2021, em comemoração aos 50 anos de estabelecimento de relações diplomáticas entre China e Irã, a China anunciou um acordo de US\$400 bilhões na forma de investimentos na economia iraniana ao longo dos próximos 25 anos. O projeto de cooperação abrange diversas áreas, como de infraestrutura, telecomunicações, saúde, setor bancário, estrutura portuária, tecnológico e militar. Em troca, Teerã compromete-se a fornecer petróleo e gás para abastecer a expansão produtiva da economia chinesa (Bhadrakumar, 2021; Motamedi, 2021). O recente acordo indica o estreitamento das relações sino-iranianas, além de expor as ambições da China na região do Oriente Médio (Laipson, 2021).

Diante das tentativas de isolamento do Irã realizadas pelos EUA, ONU e União Europeia através de sanções econômicas, os acordos recentes firmados com a China são de grande significado para a economia iraniana, uma vez que o país tenta superar as sanções; e, para Pequim, é um avanço estratégico para a segurança energética chinesa (Delgado & Febraro, 2017; Laipson, 2021).

Entretanto, os líderes do PCC têm preocupações com as instabilidades da região do Golfo Pérsico devido a questões políticas, conflitos e atos de terrorismo. A ocorrência de eventos que desestabilizem a região poderia ser um obstáculo para os projetos da OBOR uma vez que poderiam causar interrupções no fornecimento de petróleo, prejudicando, conseqüentemente, o desenvolvimento econômico da China (Lin, 2017). Mesmo assim, Pequim tem tentado manter seu princípio de política externa de não interferência em assuntos internos dos países soberanos (De Sousa & Jardim, 2016).

O estreitamento e fortalecimento das relações políticas e econômicas sino-iranianas nos últimos anos fortalecidos pelos projetos da iniciativa OBOR, tem interessantes desdobramentos na geopolítica regional (Bhadrakumar, 2021; Laipson, 2021); adensando a posição chinesa como ator de destaque no Oriente Médio, fazendo frente à presença hegemônica norte-americana na região.

## **6. Considerações Finais**

O Irã tem sua relevância geopolítica e com *player* importante no Oriente Médio, seja por sua localização estratégica, ligando a região central da Ásia ao sul e oeste do continente asiático, ou pela extensa reserva de petróleo e gás natural (Mackinder, 1904; Kaplan, 2013). Desse modo, o país desperta interesse de grandes potências, que buscam ter hegemonia no território iraniano visando a geopolítica e sua disponibilidade energética.

Os EUA diante do crescimento econômico e do aumento de suas necessidades energéticas registrados no pós Segunda Guerra Mundial, buscou expandir sua hegemonia no Oriente Médio. A Operação Ajax (1957) marcou o início do alinhamento do governo do Xá Reza Pahlavi com os norte-americanos (Spohr, 2013). Nesse cenário, o Irã viveu 22 anos sob um governo de natureza ditatorial apoiado pelas potências ocidentais, principalmente os EUA. A insatisfação popular com a administração do Xá, a profunda crise econômica e social culminaram na Revolução Iraniana em 1979, que derrubou a dinastia Pahlavi e colocou o Aiatolá Khomeini no comando do país (Coggiola, 2008).

O rompimento das relações diplomáticas entre EUA e Irã em 1980, afetou profundamente a economia iraniana, em especial o setor petrolífero, que dependia de investimentos e do mercado estadunidense. Desde então, a indústria de petróleo do Irã nunca mais retomou os níveis de produção que tinha antes da Revolução de 1979 (Lemos & Pacheco, 2017). Além disso, os eventos representaram um desequilíbrio nas dinâmicas de poder do Oriente Médio e o vácuo deixado pelo fim da hegemonia norte-americana no território iraniano, abriu espaço para novos atores na região.

Simultaneamente, a China passa pelo processo de abertura comercial, iniciado em 1978 por Deng Xiaoping. As reformas políticas e econômicas feitas pelo líder do Partido Comunista Chinês (PCC) estimularam o aumento da atividade industrial na China, fazendo com que a demanda energética crescesse rapidamente, enquanto que a produção de petróleo do país entrava em estagnação (De Sousa & Jardim, 2016). Diante do aumento do consumo energético chinês, em 1993 o país passou a ser um importador de petróleo (Corrêa, 2015).

A fim de sustentar o crescimento econômico do país, a China passou a buscar o estreitamento de laços com os países do Oriente Médio. Segundo a OPEP (2021), o Irã tem as segundas reservas de petróleo do mundo e naturalmente surge como um importante parceiro no fornecimento energético para China. As relações sino-iranianas são favorecidas pelos princípios da política externa do governo chinês, que é a ascensão pacífica e a não interferência em assuntos internos dos países, considerando que o Irã tem uma complexa e problemática relação com países ocidentais, em principal os EUA devido às sanções econômicas desde a Revolução de 1979 (De Sousa & Jardim, 2016).

O governo iraniano após a Revolução Iraniana (1979), passou a adotar uma postura anti-estadunidense e anti-imperialista. Para tentar isolar e impedir a projeção regional do Irã, os EUA passaram a aplicar sanções econômicas ao país a partir de 1979 e perduram até hoje.

Essas sanções atingem principalmente o setor petrolífero, as empresas iranianas que são impedidas de fazer negócios com os EUA e países aliados (como Japão e países da União Europeia), os bancos iranianos, a compra de equipamentos militares e o ativos que cidadãos do Irã no exterior (Pautasso et al., 2019).

A continuidade e o desenvolvimento do programa nuclear iraniano iniciado em 1957 a partir da cooperação com os EUA, endurecem as sanções, uma vez que os EUA passaram a ser seus inimigos. Posteriormente, ganharam reforço da ONU (2006) e da União Europeia (2010) (Leães, 2015). As tentativas de negociação de acordo para derrubar as sanções não tiveram sucesso, os países (EUA, Alemanha, Reino Unido, França, Rússia, China e Irã) chegaram assinar em 2015 um Plano Conjunto de Ação Abrange (JCPOA, sigla em inglês), mas em 2018 os EUA sob o comando de Donald Trump se retira do acordo e retoma aplicação das sanções (Reis, 2020). A chegada de Joe Biden à presidência dos EUA em 2021, ascendeu uma nova expectativa de retomar o JCPOA e as nações estão em negociação para derrubar as barreiras comerciais impostas ao Irã ( Motamedi, 2022).

À medida que os EUA aumentam o cerco à economia iraniana através das sanções, o Irã busca novos parceiros econômicos na Ásia (em especial a China) para tentar minimizar os prejuízos econômicos. O desenvolvimento e estreitamento das relações comerciais entre China e Irã, está ligado ao endurecimento das sanções dos EUA e aliados. Pequim ignora as restrições econômicas aplicadas por países ocidentais e continua expandindo suas relações com Teerã (Pautasso et al., 2019).

Os EUA mantêm relações comerciais com o Irã, mesmo após o rompimento das relações diplomáticas. O comércio entre os países sofreu redução e instabilidades devido às restrições comerciais impostas unilateralmente pelos norte-americanos. Enquanto que com a China o volume comercial cresceu exponencialmente desde o início dos anos 2000. O Irã exporta para China principalmente petróleo e derivados e importa bens manufaturados e de tecnologia.

A iniciativa “*One Belt, One Road*” lançada em 2013, diante das relações sino-iranianas acabam tendo um papel importante no fortalecimento e estreitamento nos laços econômico e político entre as suas nações. Conforme a China passa a importar cada vez mais petróleo iraniano, ela deixa de ser apenas um comprador e torna-se também um investidor nos projetos do Irã, desde a modernização das estruturas de extração de petróleo até suporte logístico para o escoamento da produção.

Por fim, observa-se que o estreitamento e expansão das relações sino-iranianas está intrinsecamente ligada à atuação dos EUA no Irã. A Revolução Iraniana e seus desdobramentos levam a perda de hegemonia norte-americana na região. Simultaneamente, as necessidades energéticas chinesas tornam a China um importante importador de petróleo e os países do Oriente Médio um relevante fornecedor de energia. Assim, Pequim se coloca como um *player*, cada vez mais presente nas dinâmicas de poder da região.

### Referências

- Alizadeh, P., & Hakimian, H. (2013). *Iran and the Global Economy*. London and New York: Routledge Publishers.
- Amorim, C. (2015). *Teerã, Ramalá e Doha*. Saraiva Educação SA.
- Belluzzo, L. G., Tavares, M. C., & Fiori, J. (2004). A mundialização do capital e a expansão do poder americano. *FIORI, JL O poder americano. Petrópolis, Vozes*.
- Bhadrakumar, M. (2021). The China-Iran pact is a game-changer. *Asia Times*. Recuperado em 01 de julho, 2022 em [The China-Iran pact is a game-changer - Asia Times](#)
- Chomsky, N. (2015). *Rogue states: The rule of force in world affairs*. Haymarket Books
- Corrêa, A. P. (2015). Industrialização, demanda energética e indústria de petróleo e gás na China. *CINTRA, M. A; FILHO; E. B; PINTO, E. C (Orgs.). China em Transformação: dimensões econômicas e geopolíticas do desenvolvimento. Rio de Janeiro: IPEA, 189-236*.
- Coggiola, O. (2008). *A Revolução Iraniana: 2.Ed.* São Paulo: Editora UNESP.
- De Souza, B. M., & Jardim, E. B. (2016). A presença chinesa no Oriente Médio frente à hegemonia mundial dos Estados Unidos. *Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas, 4(3), 5-24*.
- Delgado, F., & Febraro, J. (2017). Cronos: China e as suas questões de segurança energética.
- EIA. (2021).Iran. *Energy Information Administration U.S.* . Recuperado em 19 de maio, 2022, em [International - U.S. Energy Information Administration \(EIA\)](#).



EIA (2022). Imports from Persian Gulf Countries of Crude Oil and Petroleum Product. *Energy Information Administration U.S.* . Recuperado em 22 de maio, 2022, em [Importações dos EUA de países do Golfo Pérsico de petróleo bruto e produtos petrolíferos \(mil barris\) \(eia.gov\)](https://www.eia.gov).

Fassihi, F. & Myers, S. L. (2021). China, with \$400 Billion Iran Deal, Could Deepen Influence in Mideast. *The New York Times*. Recuperado em 01 de julho, 2022, em [China, With \\$400 Billion Iran Deal, Could Deepen Influence in Mideast - The New York Times \(nytimes.com\)](https://www.nytimes.com)

Fatemi, K. (1980). The Iranian Revolution: its impact on economic relations with the United States. *International Journal of Middle East Studies*, 12(3), 303-317.

Gasiorowski, M. J., & Byrne, M. (Eds.). (2015). *Mohammad Mosaddeq and the 1953 coup in Iran*. Syracuse University Press.

Hahn, P. L. (2007). The Cold War and the Six Day War: US Policy towards the Arab–Israeli Crisis of June 1967. In *The Cold War in the Middle East* (pp. 26-44). Routledge.

Halliday, F. (1994). The Gulf war 1990–1991 and the study of international relations. *Review of International Studies*, 20(2), 109-130.

Harvard University, T. G. L. (2019). Iran. *Growth Projections and Complexity Rankings*. <https://doi.org/10.7910/DVN/XTAQMC>

Jahnke, J. F (2016). *O Estado Islâmico*. [Especialização em Sociologia Política, Universidade Federal do Paraná]. [147518962.pdf \(core.ac.uk\)](https://core.ac.uk)

Kaplan, Robert. ( 2013) *A Vingança da Geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica*. Elsevier. ISBN: 978-8535270952.

Kinzer, S. (2004). *Todos os homens do Xá*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Laipson, E. (2021). A parceria Teerã-Pequim é um divisor de águas para o Oriente Médio. *Asia Times*. Recuperado em 01 de julho, 2022 em [A parceria Teerã-Pequim é um divisor de águas para o Oriente Médio? - Asia Times](https://www.asiatimes.com)

Layne, C. (2012). This time it's real: the end of unipolarity and the Pax Americana. *International studies quarterly*, 56(1), 203-213.

- Laub, Z. (2015). International Sanctions on Iran. *Council on Foreign Relations*. Recuperado em 09 de julho, 2022, em [International Sanctions on Iran \(ethz.ch\)](https://www.cfr.org/international/international-sanctions-on-iran/p23777)
- Leães, R. (2015). O Sucesso das Negociações do Programa Nuclear Iraniano. *Conjuntura Austral*, 6(31), 21-28. doi:<https://doi.org/10.22456/2178-8839.56918>
- Leite, A. C. C. (2011). O projeto de desenvolvimento econômico chinês-1978-2008: a singularidade de seus fatores políticos e econômicos. [Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP]. [Alexandre Cesar Cunha Leite.pdf \(pucsp.br\)](https://repositorio.pucsp.br/handle/11362/11362)
- Lemos, J. K., & Pacheco, C. C. (2017). As crises do petróleo e a geoestratégia dos Estados Unidos para o Golfo Pérsico entre 1945 e 1980. *Estudos Internacionais: Revista De relações Internacionais Da PUC Minas*, 4(2), 17-34. <https://doi.org/10.5752/P.2317-773X.2016v4n2p17>
- Lima, M. C., Viana, D., & Fonseca, P. (2019). A geopolítica asiática e seus desdobramentos globais: a Organização para Cooperação de Xangai. *Carta Internacional*, 14(2). <https://doi.org/10.21530/ci.v14n2.2019.911>
- Lin, C. (2017). The Belt and Road and China's Long-term Visions in the Middle East. *ISPSW Strategy Series*, 512, 1-10.
- Liu, J., & Wu, L. (2010). Key issues in China-Iran relations. *Journal of Middle Eastern and Islamic Studies (in Asia)*, 4: 1, 40-57, DOI: 10.1080 / 19370679.2010.12023147.
- Mackinder, H.J.. (1904). "The Geographical Pivot of History", *The Geographical Journal*, Vol. 23, No.4, 421-437
- Marinho, H. A. D. M. P. (2010). Estados Unidos: o contexto dos anos 1970 e as crises do petróleo. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, 4(7).
- Martinez, E. D. M., & Del Prete, G. B. M. (2015). The Iranian Nuclear Program and the E3/EU+ 3 Agreement/O Programa Nuclear Iraniano e o Acordo E3/EU+ 3. *Mural Internacional*, 6(2), 155-171.
- Motamedi, M. (2021).Iran and China sign 25-year cooperation agreement. *Aljazeera*. Recuperado em 01 de julho, 2022, em [Iran and China sign 25-year cooperation agreement | International Trade News | Al Jazeera](https://www.aljazeera.com/news/2021/07/iran-and-china-sign-25-year-cooperation-agreement/)

Motamedi, M. (2022). Iran: JCPOA agreement possible as soon as ‘red lines’ considered. *Aljazeera*. Recuperado em 07 de julho, 2022, em [Iran: JCPOA agreement possible as soon as ‘red lines’ considered | News | Al Jazeera](#)

Motta, M. T. (2005). A origem da OPEP. *Revista Conjuntura Econômica*, 59(1), 34-36.

OECD (2022). Iran. *The Observatory of Economic Complexity*. Recuperado em 01 de julho, 2022, em [The Observatory of Economic Complexity | OECD - The Observatory of Economic Complexity](#)

OPEC (2021). Iran facts and figures. Organization of the Petroleum Exporting Countries. Recuperado em 19 de maio, 2022, em [OPEC : Iran](#)

Pautasso, D. (2009). Os desdobramentos internacionais do desenvolvimento e da demanda por petróleo na China, por Diego Pautasso. *Meridiano 47*, 10(109), 26.

Pautasso, D., Nogara, T., Colório, A. G., & Wobeto, V. L. (2019). O cerco multidimensional à Teerã e a aproximação sino-iraniana. *Tensões Mundiais*, 15(29), 165-182.

Pautasso, D., & Oliveira, L. K. D. (2008). A segurança energética da China e as reações dos EUA. *Contexto Internacional*, 30, 361-398.

Pautasso, D., & Ungaretti, C. R. (2017). A Nova Rota da Seda e a recriação do sistema sinocêntrico. *Estudos Internacionais: Revista De relações Internacionais Da PUC Minas*, 4(3), 25-44. <https://doi.org/10.5752/P.2317-773X.2016v4n3p25>

Peres, A. L. S., & Daibert, L. (2015). A China e a Organização Mundial do Comércio. *Direito Chinês Contemporâneo*, 387-412.

Reis, S. Onu Ignora Truço dos Estados Unidos Contra o Irã. *Observatório Político dos Estados Unidos (OPEU)*. Recuperado em 07 de julho, 2022, em [ONU ignora truço dos Estados Unidos contra o Irã - OPEU](#)

Said, E. (1978). *Orientalism: Western concepts of the Orient*. New York: Pantheon.

Shichor, Y. (2018). Gains and Losses: Historical Lessons of China’s Middle East Policy for Its OBOR Initiative. *Asian Journal of Middle Eastern and Islamic Studies*, 12(2), 127-141., DOI: 10.1080 / 25765949.2018.1478774.

Sidaway, J. D., & Woon, C. Y. (2017). Chinese narratives on “One Belt, One Road”(一帶一路) in geopolitical and imperial contexts. *The Professional Geographer*, 69(4), 591-603.

Spohr, A. (2013). A Inserção Internacional do Golfo Pérsico: Os casos saudita e iraniano. 81 f. [Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. [A inserção internacional do Golfo Pérsico : os casos saudita e iraniano \(ufrgs.br\)](http://www.ufrgs.br)

USCB (2022). Trade in Goods with Iran. *U.S. Census Bureau*. Recuperado em 01 de julho, 2022, em [Foreign Trade - U.S. Trade with Iran \(census.gov\)](https://www.census.gov).

Visentini, P. G. F. (2014). *O Grande Oriente Médio: da descolonização à Primavera Árabe*. Rio de Janeiro: Campus Elsevier.